

A ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA EM CINCO ATOS E AS SUAS RESIDÊNCIAS: A FORMA DE MORAR, POR CARLOS EDUARDO COMAS

*MODERN BRAZILIAN ARCHITECTURE IN FIVE ACTS AND ITS RESIDENCES:
THE WAY OF LIVING, BY CARLOS EDUARDO COMAS*

*LA ARQUITECTURA MODERNA BRASILEÑA EN CINCO ACTOS Y SUS RESIDENCIAS:
EL MODO DE VIVIR, POR CARLOS EDUARDO COMAS*

GICO, THALITA

Arquiteta e Urbanista, FCHE e thalitagicoarq@gmail.com

SARAIVA, YURI

Arquiteto e Urbanista, UNIFG e saraivayuri18@gmail.com

SANTOS, PAULO

Designer de interiores, FCHE e paulo.ps.designer@gmail.com

RESUMO

Como representatividade do resgate histórico-cultural a respeito da Arquitetura Moderna no Brasil, através da compreensão e contextualização da fase de consolidação da Arquitetura Moderna brasileira, foi realizado um estudo bibliográfico da periodização entre 1930 a 1960. Buscou-se mostrar neste artigo a descrição classificatória da arquitetura moderna do País dividida em cinco atos importantes da história arquitetônica, descritos pelo arquiteto Carlos Eduardo Dias Comas, evidenciando as modernas formas de morar neste período desenvolvimentista que o país transitava na época em questão, elencando um conjunto de projetos residenciais elaborados por Lúcio Costa, representados nestes períodos distintos da arquitetura e também abordando as projeções das primeiras residências modernas brasileiras com a autoria de outros renomados arquitetos do país.

PALAVRAS-CHAVE: períodos da arquitetura; casa modernista; arquitetura brasileira.

ABSTRACT

A bibliographical study of the period between 1930 and 1960 was carried out as a representative of the historical and cultural recovery of Modern Architecture in Brazil, through the understanding and contextualization of the consolidation phase of Brazilian Modern Architecture. The aim of this article is to show a classificatory description of modern architecture in the country, divided into five important acts of architectural history, described by the architect Carlos Eduardo Dias Comas, highlighting the modern ways of living in this developmental period that the country was going through at the time in question, listing a set of residential projects designed by Lúcio Costa, represented in these distinct periods of architecture and also addressing the projections of the first modern Brazilian residences designed by other renowned architects in the country.

KEYWORDS: periods of architecture; modernist house; brazilian architecture.

RESUMEN

Como representante del rescate histórica y cultural a cerca de la Arquitectura Moderna en Brasil, a través de la comprensión y contextualización de la fase de consolidación de la Arquitectura Moderna brasileña, fue realizado un estudio bibliográfico de la periodización entre 1930 y 1960. Este artículo buscó mostrar la descripción clasificatoria de la arquitectura moderna del país dividida en cinco actos importantes de la historia de la arquitectura, descrita por el arquitecto Carlos Eduardo Dias Comas, destacando las formas de vida modernas en este período de desarrollo que atravesaba el país en ese momento en cuestión, enumerando un Conjunto de proyectos residenciales diseñados por Lúcio Costa, representados en estos distintos períodos de la arquitectura y abordando también las proyecciones de las primeras residencias brasileñas modernas por otros arquitectos de renombre en el país.

PALABRAS CLAVE: periodos de la arquitectura; casa modernista; arquitectura brasileña.

INTRODUÇÃO

Com a revolução industrial, guerras, mudanças, transformações políticas, socioeconômicas e tecnologias de seu tempo, diante de todo esse contexto é que emerge o movimento moderno (Nascimento, 2020), tendo como princípio a transformação da arquitetura de acordo com a transformação da sociedade, buscando a universalidade para a mesma, como também, representando a autonomia da razão humana em oposição ao empirismo da época colonial.

A origem e evolução da Arquitetura Moderna no Brasil coincidiu em conjunto com o movimento modernista, que teve início na primeira metade do século XX. A Arquitetura Moderna brasileira se desenvolveu de forma diferente do que ocorreu na Europa (Cavalcanti, 2006), o local de origem do movimento. O Brasil passava por transformações econômicas e governamentais na estruturação de sua modernização, e a era Vargas mostrava a sua presença nas formas da capital federal, através da construção de palácios para abrigar ministérios e órgãos públicos da nova administração.

O modernismo (Lago, 2014) durou várias décadas e estudiosos o dividiram em fases: primeira fase, de 1922 a 1930, popularmente conhecida como fase heroica e ligada à procura de uma identidade nacional. Foi a época de renovação da estética e quebra dos padrões artísticos internacionais estabelecidos ao longo de séculos, em defesa de uma liberdade formal e valorização às temáticas cotidianas, surgindo, portanto, vários manifestos modernistas, para apresentar ao país esse novo estilo de arte. A segunda fase aconteceu entre 1930 a 1945, fase de consolidação ou geração de 1930, onde nesse momento todos os princípios elaborados e estruturados na primeira fase, já estavam consolidados nesse novo molde de arte no Brasil, marcada pela consolidação dos ideais modernistas.

Foi entre as décadas de 30 a 60, período em que o modernismo se caracterizou fortemente no Brasil, ao proporcionar mudanças na sociedade e cujos padrões ideológicos aliavam-se à política desenvolvimentista que o país passava na época, que se mostrou como a arquitetura moderna lidou com o morar brasileiro, representado pelas casas modernas.

Buscou-se no decorrer do artigo como objetivo, descrever nomes como Gregori Warchavchik e Lina Bo Bardi que apontaram a forma como a arquitetura moderna lidou com a construção das suas casas, enfocando o desenvolvimento tecnológico e industrial da época para estas construções, através das primeiras casas modernista do Brasil; analisar a classificação da arquitetura moderna brasileira nos períodos da incubação, eclosão, emergência, consolidação e mutação, no recorte temporal entre 1930 a 1960, referenciados pela argumentação de vários autores, em destaque, o renomado arquiteto Comas, para a proposição do setor residencial de Lúcio Costa. Portanto notou-se a possibilidade de elaborar este artigo, através da revisão literária no processo de investigação exploratória qualitativa na pesquisa bibliográfica-histórica e fotográfica, tendo como pressuposto as práticas da Arquitetura Moderna no Brasil e suas residências.

O MORAR DO BRASIL - 1930 A 1960

O reconhecimento da Arquitetura Moderna brasileira, surgiu por volta de 1930 a 1960, a qual foi vista mundialmente pela sua originalidade, pelo aspecto cultural (Cheregati, 2010), desenvolvido pela sua história, sua cultura e seu significado, com a utilização de materiais regionais. A arquitetura da casa moderna vista na ocasião, era construída nos moldes modernos sem esquecer suas tradições, mesmo com uma mão-de-obra pouco especializada, sem grandes padrões tecnológicos para a época, ela seguia novos preceitos de transformação que, associado aos processos de composição e construção, ligados ao uso de nova tecnologia, novos materiais como o ferro, o vidro e o concreto, associada também a preocupação com as noções de iluminação, ventilação e ligação entre interior e exterior por meio de pátios ou de pavimentos sobre pilotis, admitia uma casa solta dos limites do lote, afastada da rua e tornando-se livre para criações independentes.

Essas preocupações eram fundamentais para o desenvolvimento de um novo modelo residencial, proporcionando um bem-estar com característica moderna. Cabe salientar que a transformação não ocorreu em todas as residências brasileiras, sendo um processo gradual, tendo início nas casas com mais poder aquisitivo e após, com as grandes aglomerações urbanas, surgindo uma preocupação social, onde foi adotado um modelo econômico viável para as habitações populares, as quais teriam uma produção em série.

A determinação da mudança arquitetônica para a inserção da residência moderna brasileira, concretizou-se no período da Revolução de 1930. Este período desenvolvimentista da industrialização e modernização do país (Neto,

2009), em conjunto com as formas arquitetônicas modernas, contribuíram para a utilização como instrumento representativo deste ideal, que surgia com as preocupações da política cultural do Estado e na afirmação de uma arquitetura com características específicas do que seria considerado nacional.

Na década de 1930 a arquitetura brasileira vinculava-se ao que era social, todo expressionismo político e intelectual estava voltado para a necessidade da construção de moradia para a classe mais abastada. Porém vale salientar que, a construção sofreu um processo gradual, construiu-se inicialmente para a classe alta e média da sociedade e com o surgimento da aglomeração urbana é que a habitação popular surge. A ideia dos arquitetos nesta época, como estavam vinculados ao pensamento ético, fazendo-se presentes nas construções, também para as classes menos favorecidas, buscava atingir o social e melhorar o sentido de cidadania dos habitantes (Domingues, 2016). Enquanto Rego (2003, p. 296) descreve que, “as construções da residência moderna ajudavam a aproximar as pessoas da natureza, do paisagismo em geral, com isso a casa transformou-se em um instrumento importante, que junto aos elementos essenciais da paisagem, tornou-se um bem agradável, de beleza estética e original aos olhos da população”.

A construção das residências modernas era representada por um misto de simplicidade, praticidade, sobriedade e funcionalidade, fazendo usos dos materiais oferecidos pela industrialização, sendo utilizados em grandes projetos e adequados ao período no país.

A forma de construir das residências modernas foram estruturadas com forte influência no Brasil (Moreira, 2020), de acordo com os cinco pontos corbusianos: a fachada livre, com o surgimento do concreto armado na Arquitetura Moderna, foi possível trabalhar nesta estrutura de concreto, proporcionando elementos de leveza e flexibilidade para que o arquiteto pudesse desenvolver o seu trabalho. Não havia mais vedações e divisórias estruturais, podendo ser projetada com maior liberdade em diversos formatos do projeto. Esta separação entre estrutura e vedação possibilitou melhor adequação ao posicionamento das esquadrias, permitindo a instalação futura das janelas em fita. Por sua vez as janelas em fita, eram verdadeiros quadros com uma visão externa e de uma bela estética, também denominadas panos de vidro das casas modernas, com o intuito de fornecer mais visibilidade exterior e favorecer a iluminação interior dos ambientes.

Os Pilotis formados de colunas (Moreira, 2020), pilares com uma ampla visão e maior espaço físico aberto, substituíram as paredes estruturais para sustentação do edifício, apresentando uma construção com vãos livres, mais dinâmica, com o objetivo de permitir a livre circulação dos habitantes nos espaços térreos da construção, proporcionando mais amplitude de ir e vir da população, fazendo uma maior conexão entre o espaço público da rua e o espaço privado do edifício.

O terraço jardim ou teto jardim inserido nos pontos corbusianos (Moreira, 2020), surgiram no momento em que houve a substituição dos telhados tradicionais por lajes, tornando uma cobertura habitável uma inovação aos telhados fazendo com que este espaço livre fosse aproveitado da melhor forma possível, através da estruturação de jardins com espaço de lazer do proprietário. E finalmente a planta livre, se tornou mais flexíveis e articulada entre si, onde o espaço era modificado sem causar prejuízo estrutural a construção, com colunas de sustentação visíveis e independentes, permeando uma perspectiva de que os ambientes com menos espaços se tornassem mais amplos e mais claros com paredes e divisórias substituídas dos ambientes, definidas cuidadosamente pela escolha de móveis e decoração destinadas a cada espaço.

E foi na busca de uma nova identidade para a casa brasileira que estas transformações na arquitetura surgiram, tendo como representatividade as casas modernistas do arquiteto Gregori Warchavchik, baseadas nos pontos de Corbusier (Fracalossi, 2013) e distribuídas em três importantes obras: a primeira, casa modernista da Rua Santa Cruz, de 1928, considerada uma das obras mais importantes da arquitetura brasileira; a segunda, casa modernista da Rua Itápolis, localizada no bairro do Pacaembu, em São Paulo de 1929 e a terceira, casa modernista da Rua Bahia, de 1930, sendo um projeto pioneiro para sua época e reconhecido como patrimônio histórico pelo IPHAN.

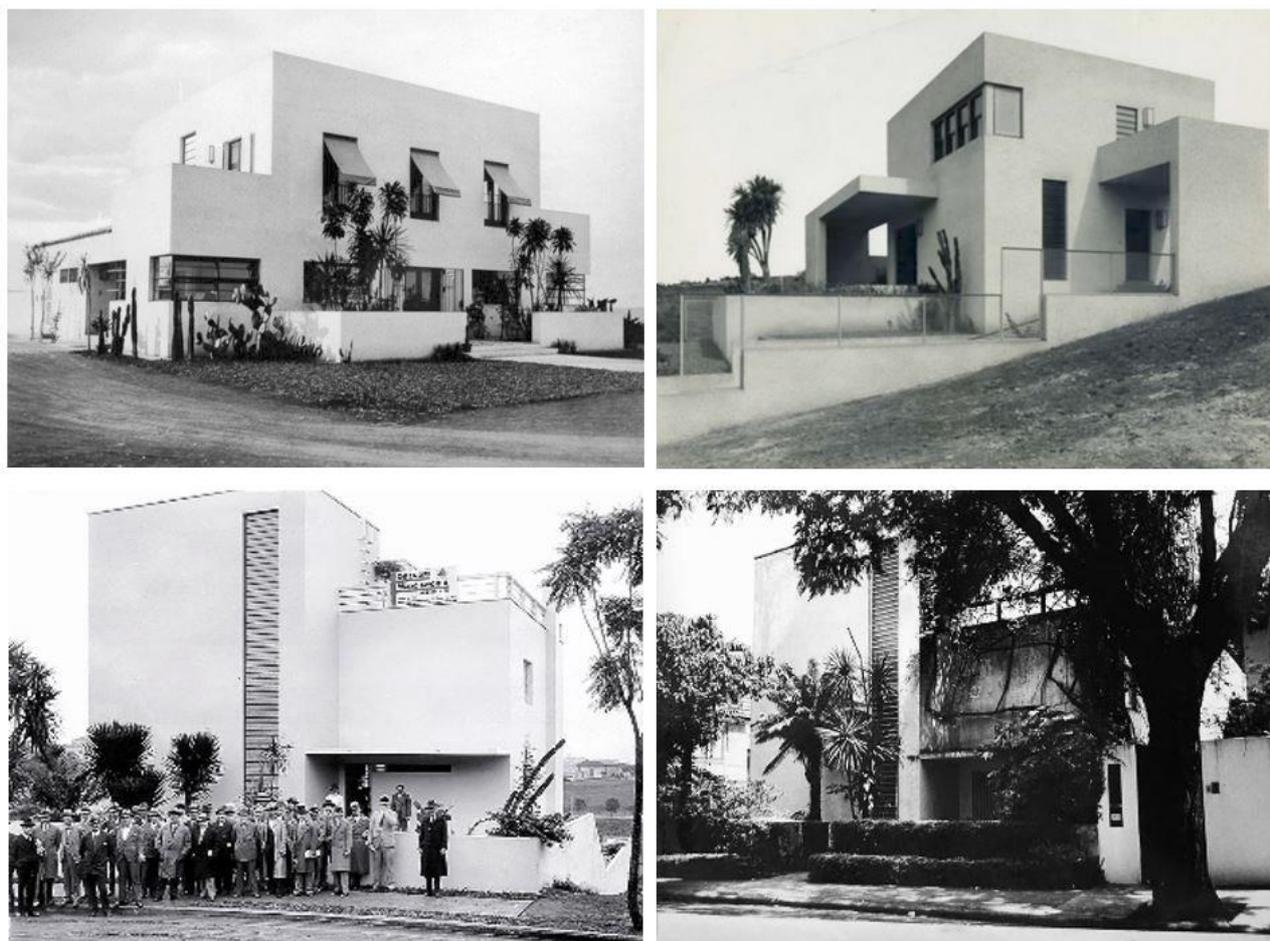
A primeira casa foi construída para ser a própria residência de Warchavchik sendo reconhecida como patrimônio histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Apresentava em seu aspecto, livre de ornamento, mas com volumes prismáticos brancos, porém para a sua aprovação junto à prefeitura, necessitou de ajustes na ornamentação e em 1935, foi reformada, mediante a necessidade familiar do arquiteto (Fracalossi, 2013).

Já a segunda casa modernista da Rua Itápolis, dentro destes pontos corbusianos, utilizou alicerces em concreto (aqui já era possível encontrar o concreto armado), coberta com uma laje de tijolos furados, ferro impermeabilizado, uso da madeira no assoalho, portas e janelas. Cores mais puras, uso do vidro e linhas mais retas, refletindo a relação do

homem com o ambiente, com a cidade. A casa tem uma base quase quadrada medindo oito metros e trinta e cinco centímetros de comprimento e oito metros e vinte e cinco centímetros de largura, com volume prismático. Está dividida em pisos de altura quase igual: o primeiro piso, o piso térreo tem dois metros e oitenta centímetros. O segundo piso, o piso superior tem três metros, com elementos que compõem a simetria da casa, através de um conjunto de plantas de proteção do alpendre frontal, da entrada lateral, o volume da cozinha traseira e um par de linhas que se distribuem perpendicularmente e sustentam as pérgulas. Foi estruturada sobre linhas, planos e volumes. Sua composição volumétrica e espacial, refinada em detalhes, esquadrias com desenhos específicos e retilíneos estão presentes. A janela tem formato em "L" e foi distribuída por duas janelas independentes com uma esquina sólida e veneziana externa detalhada meticulosamente sobre as peças de madeira (Fracalossi, 2013).

A terceira casa da Rua Bahia em São Paulo, foi constituída de dois blocos com alturas diferentes (Fracalossi, 2015), onde um pavimento ultrapassava o tamanho do outro e o exterior apresentava-se com uma articulação dinâmica dos volumes. O bloco mais baixo está recuado dois metros e vinte e cinco centímetros na fachada de acesso, já na fachada oposta o bloco avança um metro e cinquenta centímetros em relação ao mais alto, formando a fachada principal. Tem um jardim com degraus e patamar, marquises, linhas de pilares isolados, sem ornamento e cores claras, proporcionando amplos espaços abertos nos ambientes internos, contribuindo para melhor ventilação e iluminação (Figura 1).

Figura 1: Casas Modernistas de Gregori Warchavchik.

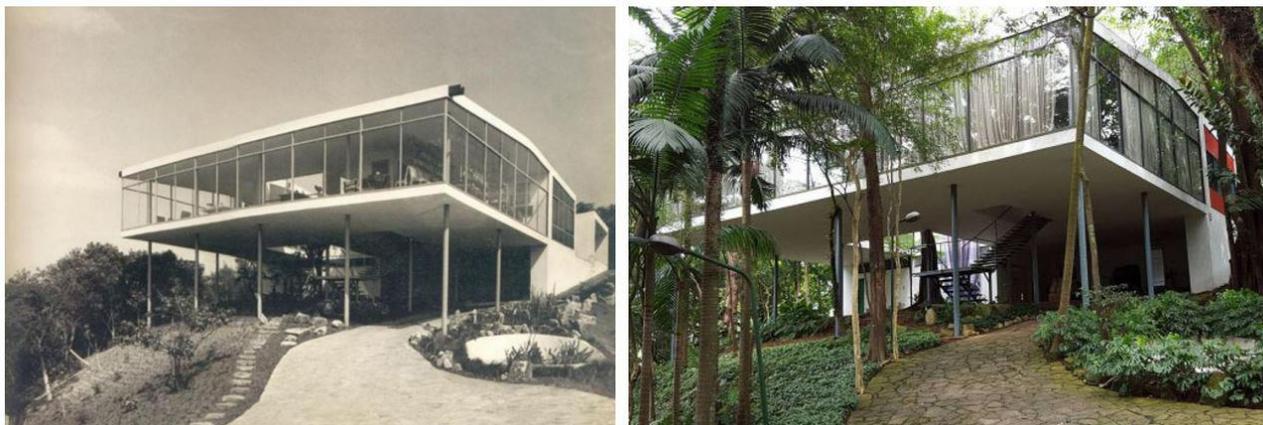


Fonte: Acima à esq. casa da Rua Cruz; acima à dir. Casa da Rua Itápolis, 1929; abaixo, casa da Rua Bahia, 1920 (archdaily.com.br, 2013).
Alterado pelos autores.

E por fim, como ilustração de mais uma residência moderna que merece destaque na arquitetura, tem-se a casa de vidro, dos anos de 1950, considerada um dos símbolos da arquitetura brasileira e a primeira obra de Lina Bo Bardi. A casa foi formada por uma caixa de vidro que se projeta do espaço, suspensa do solo por pilotis metálicos, com um

segundo corpo assentado diretamente no solo, onde encontram-se respectivamente os compartimentos destinados ao convívio da família e aos serviços (Guerra e Ribeiro, 2006). O projeto foi elaborado baseado de acordo com dois princípios espaciais básicos, um a planta livre, com oito pilares espaçados posicionando as paredes e o segundo pelo vazio do pé-direito duplo que, proporciona entre os dois pavimentos uma melhor visualização espacial, bem como a estrutura de concreto armado com todos os elementos aparentes, desde os pilares independentes, as lajes nervuradas aos peitoris. O uso dos pilotis e as janelas em fita, demonstram o desejo da arquiteta em associar a casa à paisagem local, com uma planta livre (Figura 2).

Figura 2: Casa de vidro, Lina Bo Bardi, 1950.



Fonte: archdaily.com.br, 2011.

Então para a construção das residências da época, a simplicidade era um elemento marcante da Arquitetura Moderna, os objetos decorativos exagerados, a ornamentação presente no neocolonialismo, já davam espaço a uma estética mais clara, leve e simples. Com a integração dos ambientes, permitindo uma convivência maior entre as pessoas nas construções, os espaços mais livres proporcionavam comodidade quanto a ventilação e iluminação, criavam ambientes funcionais e práticos, onde tudo que era não funcional era eliminado. Nas construções residenciais, as linhas retas e puras com formas geométricas bem definidas, predominavam nessa época. O uso do aço, vidro, concreto e madeira, passou a ser uma constante nas construções modernas, causando um impacto estético, proporcionando ambientes com mais leveza, um ambiente iluminado com cores neutras e claras, buscando a luz natural, valorizando-o cada vez mais, além de permitir a interação visual com a paisagem externa.

DOS ATOS À ANÁLISE “O OLHAR DE COMAS”

No artigo intitulado “Lúcio Costa e a revolução na arquitetura brasileira 30/39”, Comas (2002) afirma que, a revolução na arquitetura brasileira iniciou na década de 1930 e foi dividida em três fases, em um período que o Brasil estava passando pela ascensão ao poder de Vargas, a consolidação do regime e a formulação do Estado Novo. Na primeira fase, a Arquitetura Moderna foi introduzida no Rio de Janeiro, com oposição ao nacionalismo tradicionalista do neocolonial promovido por José Mariano. Na segunda, a correspondência dos elementos da Arquitetura Moderna e seus princípios estavam alinhados com uma tradição construtiva racional e nacional. Crescia neste período, a influência de Corbusier. E na terceira fase, com o apoio dos setores do governo federal, locais com mais visibilidade e programas representativos, culminou em uma Arquitetura Moderna com princípios corbusianos na perspectiva brasileira.

É na narrativa de Comas (1987) que, além do conhecimento culturalmente sobre a arquitetura, Costa estudou textos e obras de outros arquitetos da era moderna, notadamente Le Corbusier. Em sua trajetória o seu posicionamento frente a Arquitetura Moderna foi de grande relevância para a sua vida profissional. Sua posição sobre a esta arquitetura foi central em sua trajetória, e ele observou as contradições emergindo no repertório teórico em busca da arquitetura ideal para a era industrial, explicando o que realmente acontecia, bem como, buscando alternativas para corrigir uma série de erros do discurso moderno que também analisava.

A segunda fase está caracterizada pela eclosão, iniciada com a vinda de Le Corbusier ao Brasil em 1936, sendo um período de pouca expressividade na construção de suas residências e com escassez bibliográfica, foi o momento em que se encontrou apenas uma casa para a análise, a de Roberto Marinho de Azevedo Filho, intitulada casa Roberto Marinho no Rio de Janeiro/RJ.

Mesmo com a sistematização de Corbusier, a renovação compositiva universal e fundamental desta sistematização se mantém, porém, o uso quanto a geometria, materialidade com a seleção de materiais e técnicas próprias da época, peculiaridades da planta e elevação, bem como o uso de uma vegetação nativa, eram presentes na forma da construção brasileira, segundo argumentação de Comas (2002). E continua a relatar que, esta forma de construir se vincula à atualização de elementos vernaculares, como proposição de Costa. Os resultados das soluções mostram a dominância da plástica por parte dos arquitetos brasileiros mais jovens da modernidade, principalmente Lúcio, o mestre, tornando-se um componente importante no desenvolvimento da arquitetura brasileira. E é nessa fase que ele traça um panorama da evolução da casa brasileira de forma contributiva ao país.

A casa foi construída em 1937 na rua Professor Alfredo Gomes nº 1, Botafogo - RJ, porém não existe mais, devido a edificação alta e circundante a casa. Costa, durante a fase de eclosão para esta casa utilizou sua qualidade vernacular da modernidade, podia-se ver em sua constituição alguns pontos destacados e que continuariam dali em diante a se fazerem presentes em outras obras sua; como exemplo, a presença de janela em lugar de caixilhos emparelhados sucessivamente, com cobertura de telha canal e esquadrias salientes, ressaltos volumétricos que se sobressaíam das sólidas paredes que traziam proteção com sua aplicação nas janelas, e esteticamente transformava-se em um desfrute da vista da casa. Um dos terraços tinha em sua cobertura ripado de madeira, que proporcionava privacidade e distribuição da iluminação, ora luz, ora sombra. Portanto, neste momento o colonial e o popular vernáculo surgem da soma da herança acadêmica e das raízes europeias na visão dessa residência (Heck, 2005). A casa passou por uma reforma por solicitação do próprio proprietário, vinte anos mais tarde e demolida depois. Foi construída em volta de um pátio, com implantação em lotes urbanos. Em sua constituição, fez-se uso de janelas em vez de caixilhos emparelhados; em um dos terraços foram projetados, para maior privacidade, uma cobertura de ripado em madeira que ficava próximo aos quartos, favorecendo ao ambiente melhor luminosidade e podia-se ver em toda a estrutura da residência telha canal com proeminência das esquadrias, favorecida pela proteção com beirais de telhas sobre as janelas (Figura 4).

Figura 4: A fachada da Residência Marinho.



Fonte: docplayer.com.br, 2016.

Construída para ser a residência do casal Heloísa e Roberto Marinho, conhecidos e amigos do arquiteto, Costa pôs em prática a qualidade vernacular da modernidade para esta casa. Nesta residência abordou, em uma casa tradicionalmente brasileira na época, a evolução da modernidade. Fez-se presente, o uso de um pequeno volume branco; fachada naturalmente bem distribuída com garagem coberta com laje plana e um pequeno pergolado com brises; as janelas isoladamente exibiam detalhes em barro, com pequenos beirais de cobertura de telhas e grades visivelmente salientes. No interior Costa para a privacidade da mesma, já que estava em volta de edificações vizinhas,

em um dos pátios juntos aos cômodos, aderiu à cobertura treliçada com base nos muxarabis. A presença e preservação do espaço verde foi definido neste projeto, com um jardim frontal e um pequeno lago. Preocupou-se também, em manter a árvore existente no espaço, adotando um recorte na laje da garagem para dar vazão à mesma (Brito, 2014), o que representava para o arquiteto, quanto a presença da natureza, um elemento transformador em seus projetos (Figura 5).

Figura 5: Detalhes da casa Marinho.



Fonte: À esq. janela, beirais e grades; ao meio cobertura de treliças; à dir. recorte da laje da garagem (Brito, 2014). Alterado pelos autores.

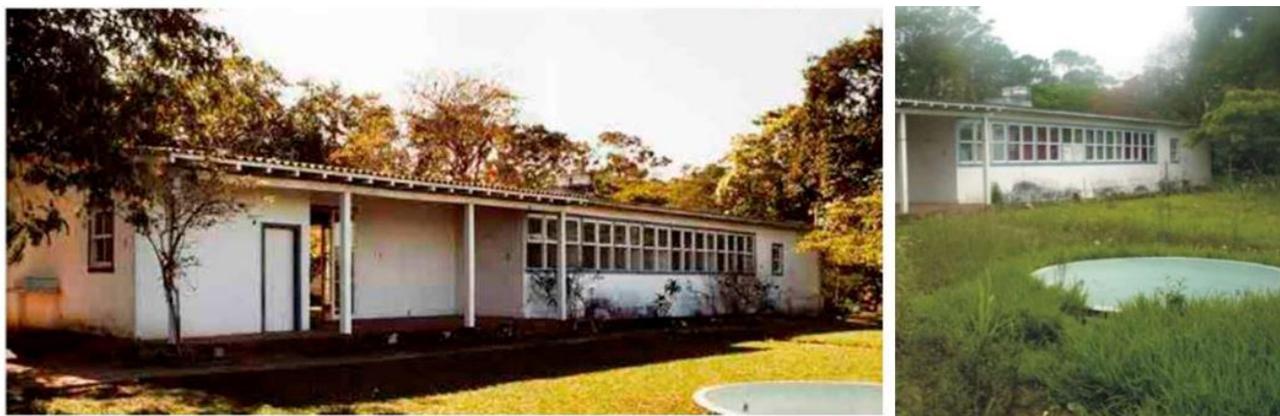
O terceiro ato da categoria classificatória, é a da emergência. Foi a fase da consagração da arquitetura moderna no Brasil e com intensa atuação de Costa neste período. Constrói quatro casas, mas a escolhida e analisada neste estudo foi a casa Pedro Paulo Paes de Carvalho, chamada de casa Paes de Carvalho em Araruama/RJ.

Foi nesse ato a perpetuação intensa da era costiana, de acordo com a interpretação de Comas (2002) nomes como, Roberto Burle Marx, artistas como Portinari, Paulo Werneck e outros, surgiram nessa época. Na entrevista para a revista *Arquitextos* (Comas, 2001), destaca que em 1945 foi o momento de “consagração” na arquitetura moderna brasileira, é um período pelos brasileiros de aceitação dessa arquitetura, sendo referenciada em todo o país e que de certa forma sofreu influência governamental na época, onde grandes propostas e projetos de habitação surgiram justamente neste governo, o de Dutra.

Comas (2002) refere que, no estudo analítico da casa Paes de Carvalho, observou-se grandes dimensões, mesmo sendo uma casa térrea, constituída em sua totalidade de janelas em série e telhados em uma água. As janelas foram protegidas por muxarabis, demonstrando a horizontalidade da construção, além de serem em guilhotina corridas. O corpo principal era em bloco linear, paralelo a outro secundário, onde entre os dois havia um pátio. A sofisticação do circuito interno se fazia presente, elemento que usava em suas outras construções nesta fase (Heck, 2005). Em contrapartida, Comas (2002) relata que o acesso à casa era realizado pela concavidade no volume principal. A casa era mais uma obra ímpar de Costa, além das paredes claras pintadas em branco, o telhado amadeirado conferia uma certa sutileza, uma conotação de um estilo artesanal, sem a presença apenas dos processos industriais, que eram comuns nas construções desse período.

A residência Carvalho de 1944, era uma casa de ampla área, situada à beira do lago de Araruama, litoral do Rio de Janeiro, que mesmo situada em um terreno amplo à beira desta extensa Lagoa (Brito, 2014), apresentava paisagens naturais belíssimas em seu entorno com galerias cobertas e a articulação da casa se faziam com espaços semiabertos (Figura 6).

Figura 6: Fachada principal da casa Paes de Carvalho.



Fonte: Brito, 2014; Vecchi, 2022

Era uma residência térrea, com telhados de uma água e janelas em série, onde Costa projetou esta casa pensando em um layout no qual facilitasse a funcionalidade, característica marcante de suas residências. Desta forma fez um pátio interno ao fundo, onde as áreas de circulação ficavam ao seu redor. No centro do pátio tem-se um espelho d'água com chafariz, nas laterais um setor social e íntimo da residência (Carlucci, 2005), dormitório para os hóspedes, além de uma capela e sacristia e também possui duas varandas laterais semiaberta (Figura 7).

Figura 7: Detalhes da Casa Paes de Carvalho.



Fonte: Acima Croqui do estudo e Planta baixa; ao centro Pátio com espelho d'água, chafariz; Visão lateral da capela, pátio e acesso ao dormitório (Brito, 2014). Alterado pelos autores.

Para melhor proveito deste pátio, Lúcio fez uso de ripados simples e brises verticais com fechamento lateral (Brito, 2014), adotando para esta residência um conjunto de elementos muito presentes em seus projetos como: janelas guilhotinadas em fita com telhados próprios; venezianas em treliças; abertura em rótula; uso da madeira nos pisos e nas coberturas com telhado tradicional da época; balaústres de tábuas recortadas; paredes com vazados em forma triangular e varanda social (Figura 8).

Figura 8: Janelas com muxarabis com visão para o pátio e piso amadeirado.



Fonte: Brito, 2014.

Na quarta categoria a seguir, tem-se a consolidação, período que o presidente Vargas era atuante nas ações governamentais na Arquitetura Moderna do Brasil, onde a mesma se solidificou no país. Neste período cita-se uma lacuna, ou seja, um intervalo temporal na elaboração de projetos residenciais de Lúcio devido ao falecimento da sua esposa, portanto esta fase de consolidação encontrava-se associada também a fase de hegemonia (1950-1956), fase que não fez parte do estudo por não apresentar nenhuma projeção residencial. Sendo na consolidação, a fase analisada com a casa de Paulo Candiota no Rio de Janeiro/RJ, mais precisamente em 1946.

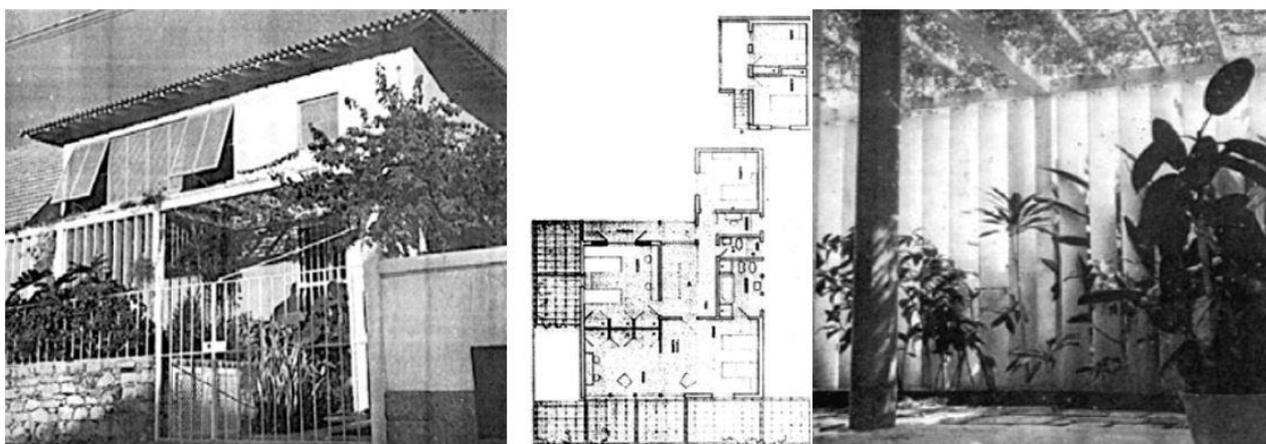
O governo de Getúlio era a referência da época, havia um interesse do estado na Arquitetura Moderna do Brasil. Lúcio neste momento tinha um mais de revolucionário, sabia no que estava se rebelando, no que não se adequava mais na arquitetura e ao mesmo tempo sabia o que poderia fazer para mudar, construir o novo. Os trabalhos apresentados na época eram autenticamente brasileiros, Comas (2002) argumenta que, mesmo baseados em uma esfera clássica e atemporal com princípios compositivos e construtivos, apresentavam uma interpretação pessoal representativa.

Construída no bairro do Leblon - RJ, na rua Codajás número 231, em um primeiro momento observou-se que a casa é limitada a dois pavimentos. Costa projetou nesta casa dimensões restritas com implantação centralizada, também com uma construção de dupla altura ao fundo da casa, servindo de funções como: no térreo, garagem e serviços e na parte de cima, dependências para os funcionários. Há uma escada em frente à porta permitindo o acesso ao piso superior, que está composto por três quartos e varandas com pérgola, que intermediam a comunicação com os jardins e o quintal. O ponto principal da casa se dá pelas zonas semifechadas próximas às salas. O pátio não é tradicional, à frente o pergolado envolve o volume fechando-o com o jardim interno, criando um ambiente com proteção térmica, principalmente na fachada oeste, com quebra-sóis verticais. Já no piso superior, o telhado tem a função de proteção solar. Elementos como, portões e grades em barras de ferro, blocos cerâmicos vazados, muxarabis e esquadrias de madeira em forma de venezianas na cor branca, são encontrados (Heck, 2005). E finaliza

ao dizer que a casa Paulo Candiota não faz parte do rol das casas clássicas de Lúcio, mas confirma o misto de brasilidade que ela representa.

Lúcio a construiu em conjunto com o proprietário e também arquiteto Paulo Candiota e a participação do arquiteto Bela Török. Esta casa de Lúcio apresentava uma planta de variação quadrada em dois andares com aspecto cúbico; janelas treliçadas e venezianas abrindo como rótulas, cobertas com telhado beiral. Não utilizou a laje e sim, anexado a fachada frontal, um pergolado, formando uma varanda pequena junto à sala, proporcionando além de uma melhor luminosidade, também a formação de um elemento de jardim (Brito, 2014). Esta varanda sendo fechada com brises verticais, fazia-se de passagem da sala ao pequeno jardim frontal, levando a um ambiente de estar e também de passagem dos moradores da casa (Figura 9).

Figura 9: Residência Paulo Candiota.



Fonte: À esq. Fachada da casa; ao centro Planta do pavimento superior e vista do pergolado; à dir. Pergolado frontal e fechamento em brise (Brito, 2014). Alterado pelos autores.

A quinta e última categoria, a mutação, está dedicada à análise do período, agora, pelo governo Kubitschek. Particularmente foi em 1954 que iniciou a mutação, fase em que houve grandes projetos como o plano piloto de Brasília, o qual Costa se dedicou. Nesta análise, a mutação refere-se ao último ato classificado por Comas (2001) na arquitetura moderna brasileira. E é neste momento, que Juscelino Kubitschek, em 1955 assume a presidência e mais uma vez o poder do estado se fez presente, um patrono na Arquitetura Moderna do Brasil, tornando-se uma peculiaridade no país naquela época. Foi na segunda metade da década de 1950 que, a arquitetura moderna brasileira nos “anos JK” ficou caracterizada nesta fase, mas precisamente em 1954, onde começou a haver a mutação e com isso críticas e concorrências surgiram na arquitetura brasileira. Foi neste período que Costa projetou Brasília, mostrando ao mundo as transformações que o país passava na arquitetura, foi a era do progresso e ele dedicava-se ao plano piloto em Brasília, porém com pouca expressividade no que concerne às residências unifamiliares, motivo pelo qual apresenta-se escassa a descrição bibliográfica desta fase.

Mesmo com escassez bibliográfica e fotográfica, a casa estudada foi a de Eva e Jayme Lévy, construída em 1957 na fazenda Mangalarga, Correias, RJ. Com a simplicidade da foto ao longe dos jardins e parte da casa, foi possível observar os traços projetuais consolidados na década de 40 e projetados na década de 50 (Carlucci, 2005), com presença de grandes telhados inclinados de forma trapezoidal ou o de quatro águas, com aberturas distribuídas proporcionalmente; presença de beiral aparente de madeira; volumetria da chaminé branca geometricamente simples e paredes também brancas, trazendo a sua simplicidade construtiva (Figura 10).

Figura 10: A casa Jeanne Lévy, 1958.



Fonte: Osório ,2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O novo Brasil inicia-se com a modernidade no país, a qual não foi uma causa e nem teve o mesmo papel social que a arquitetura moderna europeia teve. Na Europa houve uma necessidade de ser racional devido à guerra mundial, que trouxe destruição das construções civis. No Brasil, o modernismo atrelado à arquitetura foi mais um estilo de vida das classes de famílias dominantes para mostrar ao mundo um modelo novo, uma nova forma de viver e de morar.

A procura para a harmonia quanto a forma de habitar e as técnicas utilizadas, no período de desenvolvimento da Arquitetura Moderna, foi influenciada por um contexto político, social, cultural, econômico e histórico que o Brasil vivia naquele período e é neste momento que a residência moderna surge, tendo como objetivo a mudança social da arquitetura alinhada às novas formas de expressão de morar e viver, vinculadas também ao poder do Estado, na busca de uma visão moderna e progressista para o país. As cidades brasileiras passaram por transformações, abandonaram os modelos arquitetônicos instituídos, descritos anteriormente na história e adquiriram os modelos da modernização.

A residência moderna foi um tema presente em meio a esse período, onde grandes nomes da Arquitetura Moderna puseram em prática o programa residencial com novas estratégias, que ao decorrer do tempo se desenvolveram e se popularizaram em meio à sociedade brasileira. A Arquitetura Moderna das residências brasileiras inspirada nos modelos e princípios desenvolvimentista, foi reconhecida internacionalmente, principalmente pela forma de construir da arquitetura no país, por utilizar-se de meio adaptativos à realidade cultural, histórica e a utilização de materiais próprios do solo brasileiro, de acordo com a adaptação climática, transformando a construção das casas unifamiliares únicas no mundo, sem a necessidade de copiar os modelos preestabelecidos mundialmente.

A arquitetura moderna brasileira, representada pelo morar no Brasil nas décadas de 30 a 60 foi um tema presente e importante nesse período, passando por distintas modificações, ajustes e desenvolvimento (Comas, 2002), com uma produção de grande qualidade, sendo respeitada mundialmente. Utilizou-se das formas arquitetônicas mais modernas na construção de suas casas, mesmo em detrimento ao cenário político, social, cultural e econômico que o país atravessava, vinculada na materialização do novo na estruturação da forma de morar na sociedade. Planejar e pensar no espaço para a construção das moradias modernas, levou em consequência a transformação das cidades.

Nomes como Lúcio Costa, Le Corbusier, Gregori Warchavchik e Lina Bo Bardi, foram descritos como uns dos primeiros representantes da modernidade que apontaram a forma como a arquitetura moderna lidou com o morar brasileiro, atrelada às residências modernas por eles projetadas.

Evidentemente autores como Comas, expressou as fases da arquitetura moderna brasileira em sua argumentação classificatória, nomeadamente de: **cinco atos**, desde a fase de incubação até a fase de mutação, através do estudo

analítico das obras de Lúcio Costa, mostrando em cada momento o que a arquitetura brasileira tinha a oferecer na época. Na fala de Comas (2001), Lúcio utilizava-se de sua brasilidade, mesmo com um diálogo entre o antigo e novo, havia a questão da originalidade, uma nova forma de se fazer vivaz na Arquitetura Moderna brasileira. Afirma que a bravura corbusiana estava propensa a contenção e a brasileira de Costa ia mais além. Portanto conclui-se que, o ponto chave do processo evolutivo desenvolvimentista da Arquitetura Moderna do Brasil estava vinculado ao mesmo tempo à expressão de uma nova forma de se viver, **a forma de morar** no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITO, Samuel Silva de. Lúcio Costa, o processo de uma modernidade. Arquitetura e projetos na primeira metade do séc. XX TOMO II de 2 Tomos. Universidad Politécnica de Catalunya - Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona. Em **rede**: <https://1library.co/document/ynxo710q-lucio-costa-processo-modernidade-arquitetura-projetos-primeira-seculo.html>. Acesso em 04 nov. 2022.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. 398p.
- CARLUCCI, Marcelo. **As casas de Lúcio Costa**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, p. 236. 2005.
- CARLUCCI, Marcelo. A mão na obra: artesanato e arquitetura residencial em Lucio Costa. 2006. Em **rede**: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_eventos/coloquio2006/comunicacoes/carlucci.htm. Acesso em 04 nov. 2022.
- CAVALCANTI, Lauro Pereira. **Moderno e brasileiro: A história de uma nova linguagem na linguagem, (1930-1960)**. Rio de Janeiro, 2006. Em **rede**: <https://docplayer.com.br/3750736-Moderno-e-brasileiro-lauro-cavalcanti-a-historia-de-uma-nova-linguagem-na-arquitetura-1930-60-jorge-zahar-editor.html>. Acesso em: 20 out. 2022.
- CHEREGATI, Jesus. **Estruturas formais: casas modernas brasileiras**. Goiânia, 2010, 176p. Em **rede**: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/11035>. Acesso em 20 out. 2022.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Arquitetura Moderna Brasileira 30/60'**. In: **MONTEZUMA, Roberto (org.). Arquitetura Brasil 500 anos: uma invenção recíproca**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.
- COMAS, Eduardo Carlos Dias. Comas: depoimento. Revista *Arquitexto*, p.12, 2001. Em **rede**: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/135118/000336427.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 nov. 2022.
- COMAS, Carlos. Lúcio Costa e a revolução na arquitetura brasileira 30/39. *Arquitextos*, Vitruvius, 2002. Em **rede**: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.022/798>. Acesso em: 16 nov. 2022.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Precisões Brasileiras Sobre um Estado Passado da Arquitetura e Urbanismo Modernos**. 2002. 341 f. Dissertação (Doutorado), (traduzida pelo autor), Universidade de Paris VIII, Paris, 2002.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. Protótipo e monumento, um ministério, o ministério. 1987. In: **GUERRA, Abilio et al. Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna parte1**. São Paulo: Romano Guerra, 2010. p. 78-108.
- COSTA, Lúcio. **Registro de uma vivência**. 1. Ed. São Paulo: Editora Sesc, p. 646, 2018.
- DOMINGUES, Maria Carolina Castelano. **Arquitetura moderna e desenvolvimentismo: o morar brasileiro**. 2016. 109 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros -Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS, 2016.

FRACALOSSO, Igor. "Clássicos da Arquitetura: Casa Modernista da Rua Santa Cruz / Gregori Warchavchik" 03 Ago 2013. Em **rede**: <https://www.archdaily.com.br/br/01-17010/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik>. Acesso em: 11 out. 2022.

FRACALOSSO, Igor. "Clássicos da Arquitetura: Casa Modernista da Rua Itápolis / Gregori Warchavchik" 11 Nov 2013. Em **rede**: <https://www.archdaily.com.br/br/01-163168/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-itapolis-slash-gregori-warchavchik>. Acesso em: 24 out. 2022.

FRACALOSSO, Igor. "Clássicos da Arquitetura: Casa Modernista da Rua Bahia / Gregori Warchavchik" 04 Abr 2015. Em **rede**: <https://www.archdaily.com.br/br/764864/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-bahia-gregori-warchavchik>. Acesso em: 24 out. 2022.

GUERRA, Abilio; RIBEIRO, Alessandro José Castroviejo. Casas brasileiras do século XX. Arqtextos, Vitruvius, jul. 2006. Em **rede**: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/07.074/335>. Acesso em: 24 out. 2022.

HECK, Márcia. **Casas Modernas Cariocas: 1930 - 1960**. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação – Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Faculdade de Arquitetura. Rio Grande do Sul, 2005.

HECK, Márcia. As Casas Cariocas e a Arquitetura Moderna. In: **5º seminário DOCOMOMO Brasil**. São Carlos: 5º Seminário Docomomo Brasil, 2016.

LAGO, André Corrêa do. Brasil, 1914-2014: modernidade como tradição. Pavilhão do Brasil na Bienal de Arquitetura de Veneza 2014. Arqtextos, Vitruvius, dez. 2014. Em **rede**: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/15.175/5380>. Acesso em: 01 jun. 2022.

MOREIRA, Susanna "Os 5 pontos da arquitetura moderna e suas aplicações em projetos contemporâneos" 23 Set 2020. ArchDaily Brasil. Em **rede**: <https://www.archdaily.com.br/br/947780/os-5-pontos-da-arquitetura-moderna-e-suas-aplicacoes-em-projetos-contemporaneos>. Acesso em: 15 out 2022.

NASCIMENTO, Lúcia Moreira do. **São Luís e a Rota do Moderno: A Produção Arquitetônica Residencial Moderna, entre 1930-1960, no Maranhão**. 2020. 473 p. Dissertação (Doutoramento em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2020.

NETO, Napoleão Ferreira da Silva. **LÚCIO COSTA E A NAÇÃO – A construção da nacionalidade brasileira através da arquitetura**. 2009. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – UFC. Fortaleza, 2009.

REGO, José Lins do. O homem e a paisagem. In: **XAVIER, Alberto (org.). Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003. p. 293-297.